

# “ALÉM DOS CORPOS BINÁRIOS”: AS VIVÊNCIAS AFETIVOSEXUAIS DAS TRANSIDENTIDADES

GUDINO, Mariana Elizabeth Ceris Burtett<sup>1</sup>

NABÃO, Caio Juan dos Santos<sup>2</sup>

MALISZEWSKI, Régis<sup>3</sup>

VANTINI, Karina Elis<sup>4</sup>

[maliszewskiregis@gmail.com](mailto:maliszewskiregis@gmail.com)

---

## RESUMO

Este trabalho buscou realizar a análise do conteúdo presente no discurso de mulheres que se reconhecem como transidentidades acerca do início de suas vivências afetivossexuais. Os objetivos foram investigar a relação com o próprio corpo em mulheres trans que não realizaram a cirurgia de redesignação sexual, compreender sua iniciação nas práticas afetivossexuais, o significado dos papéis performados durante o desempenho em suas práticas e expressões afetivossexuais e investigar a percepção sobre os parceiros (as) nas vivências afetivossexuais. A característica principal da população a ser pesquisada consiste em transidentidades, que se reconhecem pelo gênero feminino, que não realizaram a cirurgia de redesignação sexual. Foram entrevistadas dez pessoas com idade entre 18 e 40 anos, através de entrevista semiestruturada. O recrutamento foi realizado mediante critério de seleção por conveniência. Os dados foram analisados através da Análise de Conteúdo de Bardin (2010). A hipótese de que a relação com o próprio corpo dificulta as vivências afetivossexuais foi confirmada, visto que é o corpo o instrumento que media a subjetividade humana no coletivo. Sendo a qualidade da relação que o sujeito estabelece com seu próprio corpo o pano de fundo para suas demais relações.

**Palavras-chave:** Transidentidades. Normas de gênero. Práticas e expressões afetivossexuais. Sexualidade.

---

---

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Psicologia do Centro Universitário FAG. E-mail: mecbgudino@gmail.com

<sup>2</sup> Acadêmico do curso de Psicologia do Centro Universitário FAG. E-mail: caionabao13@gmail.com

<sup>3</sup> Orientador do curso de Psicologia do Centro Universitário FAG. E-mail: maliszewskiregis@gmail.com

<sup>4</sup> Psicóloga formada pelo Centro Universitário FAG. Auxiliar de pesquisa. E-mail: karinavantini@gmail.com

# **“BEYOND BINARY BODIES”: THE SEXUAL AND AFFECTIONATE EXPERIENCES OF TRANS IDENTITIES**

GUDINO, Mariana Elizabeth Ceris Burtett<sup>5</sup>

NABÃO, Caio Juan dos Santos<sup>6</sup>

MALISZEWSKI, Régis<sup>7</sup>

VANTINI, Karina Elis<sup>8</sup>

[maliszewskiregis@gmail.com](mailto:maliszewskiregis@gmail.com)

---

## **ABSTRACT**

This article aims to accomplish an analysis of the content presented in the speech of trans identities who recognize themselves as women about their sexual and affectionate life. Investigate the relationship transgender women who have not done the sex reassignment surgery have with their own body, comprehend their initiation on sexual and affectional practices, understand the meaning given to the roles performed in these practices, and investigate their perception about their sexual and affectional partners. The main characteristic of the population researched is ten transgender women who didn't do the sex reassignment surgery, with ages between 18 and 40 years. The survey was conducted through convenience sample and the data was analyzed using content analysis by Bardin (2010). The hypothesis that the relationship with their own body would interfere in a difficult way the sexual and affectionate experiences were confirmed, since the body is the tool which mediates the human subjective in the collective. That way, the quality of the relationship established with the individual's own body acts as a background for other relationships.

**Keywords:** Trans identities, transgender women, affectional and sexual practices and expressions, sexuality.

---

---

<sup>5</sup> Acadêmica do curso de Psicologia do Centro Universitário FAG. E-mail: mecbgudino@gmail.com

<sup>6</sup> Acadêmico do curso de Psicologia do Centro Universitário FAG. E-mail: caionabao13@gmail.com

<sup>7</sup> Orientador do curso de Psicologia do Centro Universitário FAG. E-mail: maliszewskiregis@gmail.com

<sup>8</sup> Psicóloga formada pelo Centro Universitário FAG. Auxiliar de pesquisa. E-mail: karinavantini@gmail.com

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho buscou realizar uma análise do conteúdo presente no discurso de mulheres que se reconhecem como transidentidades, e que não realizaram a cirurgia de redesignação sexual, acerca do início de suas vivências afetivossexuais. Com o objetivo de compreender a iniciação destas mulheres nas práticas afetivossexuais, seus papéis desempenhados durante essas relações, investigar a percepção sobre os (as) parceiros (as) dessas vivências, assim como a relação destas mulheres com o próprio corpo e, se esta relação intrapessoal dificulta, ou não, suas vivências afetivossexuais.

Assim como nos foi apresentado pelo artigo “As contradições da patologização das identidades trans e argumentos para a mudança de paradigmas”, de Tenório e Prado (2016), faremos o uso do termo transidentidade por não referenciar a nenhum termo médico e não fazer referência a uma “expressão particular entre as muitas denominações possíveis relacionadas às transições de gênero em cada contexto cultural” (TENÓRIO; PRADO, 2016, p. 42). Contudo, para manter a fidelidade aos demais autores referenciados, o termo que os autores usaram em seus trabalhos originais será mantido nos trechos em que suas referências aparecerem.

No Brasil, a transexualidade demorou muito para começar a ser debatida, pois, com frequência, as pessoas transexuais passaram como invisíveis no nosso país (ARAÚJO, 2018). Somando o pouco interesse com a dificuldade em identificar a transexualidade, uma vez que existe uma grande quantidade de pessoas que vivenciam essas dualidades ou divergências envolvendo gênero e sexo e não são pessoas transexuais, ainda é difícil falar em números, pois não há dados epidemiológicos consistentes (ARAÚJO, 2018). Nesse sentido, também, não há nenhuma fonte brasileira totalmente confiável quando se trata de dados epidemiológicos, pois o que existe é um levantamento feito por algumas ONGs de ativistas LGBTT (BENTO, 2017).

No meio acadêmico, os trabalhos que dizem respeito sobre as questões de gênero e sexualidade, acabaram por construir a concepção heterossexual binária do sistema sociocultural. Assim, a sociedade legitima de forma positiva as relações heterossexuais e monogâmicas que correspondem às demandas da reprodução biológica, considerando qualquer expressão do gênero e da sexualidade que se desviam deste padrão como ilegítimas, anormais ou contra a natureza (BUTLER, 2003).

No Brasil, é após o diagnóstico que as mudanças corporais podem ser feitas pelo Sistema Único de Saúde (SUS), regularizadas através da Portaria nº 2.803/2013, a qual o Ministério da Saúde garante o acesso gratuito ao processo transexualizador pelo SUS (BRASIL, 2013). Assim, o “transexualismo, como categoria médica, já nasce como patológico e, principalmente, atrelado a um diagnóstico médico que decompõe a experiência da sexualidade em alguns pontos-chave” (DIAS, 2014, p. 15).

Este discurso acabou reforçando um estereótipo do que seria o “verdadeiro transexual” (GRANT, 2012; BENTO, 2006), fornecendo à equipe médica uma imagem caricaturizada do fenômeno, validando o diagnóstico em questão, caminho avesso do seguido pelas militâncias *queer*, que buscam defender um direito à liberdade sexual e a identidade sexual de gênero (GRANT, 2012; BENTO, 2006; TENÓRIO e PRADO, 2016)

Constrói-se, assim, “uma experiência totalizante da transexualidade. Isto é, há uma única forma de ser transexual: só será considerado transexual quem se adequar ao diagnóstico da transexualidade, enquanto o diagnóstico só se adequa a uma parcela da população transexual” (DIAS, 2014, p. 15). São diversos os prejuízos que as pessoas trans sofrem quando têm sua expressão de vida reduzida a comportamentos psicopatológicos e descrições homogeneizantes, sendo os maiores prejuízos o preconceito social e a diminuição de possibilidades enquanto expressões afetivossexuais em suas vidas (TENÓRIO; PRADO, 2016).

Ao privilegiar o aprendizado da experiência trans através de pessoas que se identificam como tais, há o distanciamento cada vez mais dos estereótipos usados como manutenção das hierarquias de saber e do poder científico (TENÓRIO; PRADO, 2016). A necessidade de empoderar as pessoas trans vem justamente por ser, com frequência, esta uma posição de desumanização e vulnerabilidade social (DIAS, 2014), uma vez que ocorre o incentivo de conflitos internos e a pressão para que se encaixe nas normas de gênero (TENÓRIO; PRADO, 2016).

Diante dos alarmantes dados expostos acima, acreditamos que o presente trabalho venha para acrescentar peso no argumento da despatologização das identidades trans, bem como para naturalizar as práticas sexuais desta população, para que sejam reconhecidas como singulares experiências de expressão sexual. Contribuindo, assim, com a visibilidade das transidentidades no meio acadêmico e buscando auxiliar na construção de uma reparação histórica da Psicologia para com a população trans, pois a retirada de autonomia da população trans se deu através da jurisdição médica, uma vez que é esta que avalia, determina e autoriza as práticas de intervenções, em especial as ciências psi que, antes de tudo, exigem o diagnóstico extremamente específico e categorizante para conceder o aval para que o indivíduo possa alterar o próprio corpo (VASCONCELOS, 2013).

Para atingir os objetivos propostos, os autores do presente trabalho fundamentam a análise a partir do método genealógico, no que tange à sexualidade, do filósofo Michel Foucault (1988), e amparam a discussão em torno de gênero na teoria de Atos Performativos da filósofa Judith Butler (2018). O primeiro autor acreditava que a forma como o sexo era vivido mudava de uma sociedade para a outra e ao longo dos anos, por isso, ele rejeitava a ideia de que o sexo fosse simplesmente a expressão da biologia humana. Foucault (1988) denuncia a hipótese repressiva da sexualidade,

evidenciando a relação entre sexo e poder, na qual o poder reprime condutas associadas à sexualidade que são consideradas irregulares, ilegítimas.

Ainda de acordo com Foucault (1988, p.11), a repressão foi, desde a época clássica, o modo fundamental de ligação entre poder, saber e sexualidade. Para ele, a psicanálise como prática médica e discurso teórico, a ciência do sexo, ou a sexologia, se constituíram como formas de saber e poder que em vez de libertar a sexualidade teriam funcionado como novos modos de interdição e repressão.

Neste ritmo, o autor deseja e procura conhecer as vias que autorizam a interferência do poder-saber na sexualidade dos sujeitos, controlando os seus corpos de modo eficaz, impedindo-os de seguirem as suas próprias pulsões ou os seus impulsos biológicos. Para Foucault (1988), a relação de poder passa por nossa carne, nosso corpo e por nosso sistema nervoso. Em consequência disto, a sexualidade do indivíduo está à disposição dos poderes discursivos das ciências, os quais controlam os desejos e os corpos dos sujeitos.

Foi a partir destas e outras contribuições, que teóricos *queer*, como Judith Butler, começaram a empreender o pensamento foucaultiano de que a sexualidade seria um dispositivo histórico do poder que marcaria a sociedade moderna ocidental ao mesmo tempo que a regularia (MISKOLCI, 2009).

Em seu artigo “Atos Performativos e Constituição de Gênero: Um Ensaio em Fenomenologia e Teoria Feminista” (2018), Judith Butler descreve que a “identidade de gênero é uma realização performativa compelida por sanções sociais e tabus” (BUTLER, 2018, p. 3). Sendo neste caráter performativo da identidade de gênero onde residiria a possibilidade de se questionar a condição declarada de gênero. Pois, para a autora o gênero se constituiria sob inúmeros “atos teatralizados” que de tanto terem sido repetidos ao longo do tempo dariam a sensação de um gênero estabelecido, mas que na realidade se encontra em constante construção.

Ainda segundo Butler (2018), o corpo seria uma materialidade que assumiria significados de maneira fundamentalmente dramática, não sendo uma mera matéria, porém, uma materialização contínua e incessante de possibilidades (BUTLER, 2018, p. 5). A autora concorda com Simone de Beauvoir quando esta última diz que o corpo é uma situação histórica e adiciona que o corpo é “uma maneira de fazer, dramatizar e *reproduzir* uma situação histórica” (BUTLER, 2018, p. 5).

Autores como Berenice Bento (2006, 2008, 2017), Paul B. Preciado (2014), Iris Marion Young (1980), Jacques Derrida (2004), Pierre Bourdieu (1983), Michel Bozon (2001, 2004), Erving Goffman (1989), Maxine Leeds Craig (2006), entre outros, também serão usados para compor a análise de dados, tendo seus conceitos apresentados ao decorrer deste artigo.

## 2. METODOLOGIA

Essa pesquisa caracteriza-se quanto à natureza de pesquisa básica, pois “objetiva gerar conhecimentos novos, úteis para o avanço da Ciência, sem aplicação prática prevista.” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). No que tange aos procedimentos utilizados, caracteriza-se como uma pesquisa exploratória, a qual, segundo Gil (2002), é elaborada para que se tenha uma visão geral acerca de determinado fato, possibilitando assim a construção de hipóteses. E no que se refere à coleta de dados, caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa. Segundo Minayo (2001), “a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações” (MINAYO, 2001, p. 22).

A característica principal da população pesquisada consiste em transidentidades que se reconhecem pelo gênero feminino não transgenitalizadas. O tamanho da amostra consistiu em doze mulheres trans, com idade entre 18 e 40 anos. Apesar do objetivo inicial ser de entrevistar dez mulheres, duas entrevistas precisaram ser anuladas, e outras duas a mais foram realizadas para que pudessemos atingir o objetivo. O plano de recrutamento foi realizado através do critério de seleção por conveniência, o qual, segundo Aaker, Kumar e Day (1995), é utilizado quando objetivo é obter informações de maneira rápida e barata. Este método consiste em contatar unidades convenientes da amostragem, sendo assim possível convocar participantes como estudantes em sala de aula, amigos, vizinhos, entre outros.

Depois de realizado o contato inicial, o qual ocorreu principalmente através de redes sociais, como o Whatsapp, as entrevistas foram agendadas de acordo com data e local de conveniência para as entrevistadas. De forma geral, a primeira parte do encontro entre as partes sempre se deu com o estabelecimento de *rappport* dos pesquisadores para com as entrevistadas e na leitura e explicação do termo de consentimento livre e esclarecido. Após os pesquisadores terem certeza de que todas as dúvidas foram devidamente sanadas, o termo era assinado e o gravador de áudio do telefone celular ligado.

Os pesquisadores fizeram uso de um roteiro de entrevista semi estruturado retirado da dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciências na área de Psicologia: “Roteiros sexuais de transexuais e travestis e seus modos de envolvimento sexual-afetivo” por Rafael Alves Galli (2013), o qual foi usado visto que servia aos propósitos desta pesquisa. As perguntas do roteiro indagavam sobre questões como: a percepção e relação da mulher trans acerca de/e com seu próprio corpo, sua identidade de gênero, sua orientação sexual, sua iniciação afetivossexual bem como suas práticas atuais.

Quanto à análise de dados, o método utilizado foi baseado no trabalho de Bardin (2010, p. 280), que segue a seguinte ordem para sua condução: a) organização da análise; b) codificação; c) categorização; d) tratamento dos resultados, inferência e a interpretação dos resultados.

Os pesquisadores fizeram uso de gravador de áudio para realizar as entrevistas, e organizaram a análise em entrevistas, enumerando-as em ordem crescente a partir das datas que foram realizadas as entrevistas. A codificação da análise se deu através de transcrições dos áudios e, em seguida, da leitura em busca de pontos em comuns nos discursos. As quatro categorias elencadas baseiam-se nos objetivos específicos: *A relação com o próprio corpo; A percepção sobre os parceiros de vivências afetivossexuais; O significado dos papéis desempenhados durante as vivências afetivossexuais; O início das vivências afetivossexuais.*

Assim posto, os dados foram discutidos e interpretados conforme apresentados no próximo item, apresentando aspectos das falas das participantes, bem como a interlocução teórica estudada e as compreensões acerca do que não fora encontrada literatura específica acerca dos temas, podendo chegar a alguns resultados inferenciais.

### 3. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo serão apresentados e analisados os resultados obtidos através da coleta de dados realizada com dez mulheres que consideram-se como transidentidades. Para atingir os objetivos da pesquisa, os pesquisadores transformaram os objetivos específicos da pesquisa em quatro categorias temáticas: *A relação com o próprio corpo; A percepção sobre os parceiros de vivências afetivossexuais; O significado dos papéis desempenhados durante as vivências afetivossexuais; O início das vivências afetivossexuais.*

Em seu livro “O que é transexualidade”, Berenice Bento (2008) sugere que “a transexualidade é uma experiência identitária caracterizada pelo conflito com as normas de gênero” (BENTO, 2008, p. 18). Butler (2018) sugestiona “que o corpo se torna seu gênero por uma série de atos renovados, revisados e consolidados no tempo” (BUTLER, 2018, p. 7). Porém, são estas normas de gênero tão cristalizadas na sociedade ocidental moderna que perpassam e frequentemente condicionam a relação do indivíduo com seu próprio corpo (FOUCAULT, 1988; BUTLER, 2018).

A autora Berenice Bento (2006) denuncia as consequências de se tentar fazer-se de “real”, buscando encarnar e encenar a concepção natural que constitui as práticas de gênero. Para a autora, “as idealizações de gênero são lugares inabitáveis, vazios de corpos, plenos de dor e frustrações” (BENTO, 2006, p.93). Ao mesmo tempo, a autora instiga no capítulo “os estereótipos dos estereótipos” que deva ser levantada a reflexão do porquê das mulheres transexuais se identificarem

e reproduzirem tanto o discurso de determinadas performances de gênero já qualificadas como retrógradas e submissas e, onde também propõem que uma plausível explicação possa ser encontrada na hipótese de que estas pessoas busquem uma maior segurança no processo de inserção no mundo de gênero.

Na busca dessa segurança, Bento (2006) denuncia os atos das mulheres transexuais, que tentam reproduzir o discurso da mulher submissa e passiva, e, é na categoria *A relação com o próprio corpo* onde os pesquisadores encontraram destacado na fala das participantes o desejo de performar o estereótipo da máxima feminilidade.

De acordo com Maxine Leeds Craig (2006), as normas de gênero criaram um vínculo quase inquebrável entre os conceitos de mulher e beleza. Segundo a autora é esperado de uma “mulher adequada” que exiba uma beleza exuberante, e a falta desta beleza tende a ser considerada pela sociedade um indicador de fracasso (CRAIG, 2006). Essas colocações corroboram com alguns trechos das entrevistas realizadas, conforme abaixo:

*Eu já chorei noites porque eu não tinha um rosto feminino, eu já chorei porque eu não tinha peito, porque o hormônio não dá os resultados que eu queria, no momento que eu queria [...]. Eu acho que hoje a minha aparência me deixa muito confiante, principalmente pra trabalhar, principalmente pra lidar com pessoas (Entrevistada 3)*

*Insatisfeita... [com o próprio corpo] pelos motivos de não ter uma semelhança com a qual eu queria ter, com o gênero feminino (Entrevistada 7)*

*Meu sonho era ser bissexual bi afetiva, mas sexualmente pelos dois sexos, pelos dois gêneros pra mim não tem diferença nenhuma, só que com o mesmo gênero que eu, eu nunca mantive relação porque querendo ou não eu teria que usar o órgão genital que eu tenho e que eu não quero ter que usar, porque eu sou mulher e eu não quero ter isso, então, se eu não quero ter isso, porque eu vou usar?(Entrevistada 10)*

A autora Iris Marion Young, em seu ensaio “Throwing Like a Girl: A Phenomenology of Feminine Body Comportment, Motility, and Spatiality” (“Jogando Como Uma Garota: Uma Fenomenologia do Comportamento, Mobilidade e Espacialidade do Corpo Feminino”) (1980) denuncia o fato de que a mulher vive seu corpo tanto como objeto quanto como sujeito. Para a autora as mulheres, com frequência, experienciam seus corpos como frágeis estorvos ao invés de experienciá-los como os meios para encenar seus objetivos (YOUNG, 1980). Segundo Young (1980), a mulher se sentiria como se tivesse que estar com sua atenção constantemente dirigida para seu corpo, assim teriam a certeza de que o corpo está fazendo o que ela deseja, ao invés de ter a liberdade de prestar atenção no que ela mesma quer fazer através do seu corpo.

Para Iris Marion Young (1980), a fonte disso está na sociedade patriarcal que define a mulher como objeto, como um simples corpo e, conseqüentemente, em uma sociedade sexista, as mulheres são, de fato, frequentemente, consideradas pelos outros como objetos e simples corpos. Young (1980)

considera que uma parte essencial da situação de ser mulher é viver com a sempre presente possibilidade de que ela seja encarada apenas como um simples corpo, como uma forma e carne que se apresenta como o possível objeto de outro sujeito, passível as manipulações e intenções deste outro sujeito.

A autora coloca que a origem da existência deste corpo objetificado jaz nas atitudes dos outros para com a mulher, mas também ressalta que é, com frequência, que a própria mulher ativamente toma seu corpo como uma simples coisa. Ela o encara no espelho, preocupando-se como ele se apresenta para outros. Ela o poda, o modela, o configura e o decora (YOUNG, 1980). Esta atividade de vivenciar-se e colocar-se como objeto foi observada no discurso das entrevistas, bem como a estrutura social que reforça este comportamento.

*Eu queria ser mais baixa, né, porque eu sou alta. Eu me amo eu me acho perfeita, eu gosto de mim, eu me olho no espelho todo dia, gosto de estar maquiada, perfumada porque eu acho que uma mulher tem que ser assim, quando você falar mulher você vê isso eu acho. Eu, por exemplo, quando eu falo de mulher eu acho que a mulher tem que estar linda, bem vestida, perfumada, com o cabelo arrumado, maquiada, né? Porque mulher passa isso, suavidade, beleza, né? Então, pra mim é isso... (Entrevistada 6)*

*Ainda mais eu, no meu ponto de vista, hoje eu penso assim, que eu falo que eu sou uma boneca, né? Você tem que brincar com a boneca. Não é verdade? Pentear os cabelos, pegar, abraçar. Então tem isso, eu tenho isso comigo, né? Então não é só chegar e já fazer, e tem pessoas que já quer chegar fazendo e aí quer de você que você esteja assim explosiva. Não é bem assim, né? Então, infelizmente tem que ter calma com a boneca (Entrevistada 2)*

*No final dos anos 90, eu participava de um processo transexualizador que existia aqui em Curitiba, e esse processo transexualizador, eu digo hoje que ele era um processo, escola de fazer mulheres. Porque ele era bem, é... binário e bem normatizador. Então, é, ele dizia como tinha que se apresentar, que roupas tinha que usar, qual era a indumentária, qual era o tom da voz, qual era é... o jeito de sentar, e aí assim o corpo, ele tinha que se apresentar o mais feminino possível, então não se pensava em possibilidades do corpo feminino, possibilidade de existir corpos femininos de maneira diferente que isso é uma questão subjetiva... (Entrevistada 9)*

Bento (2006) comenta que, embora não se aprofunde na observação, Butler aponta a teoria praxiológica de Bourdieu (1983) como uma reflexão contribuinte “para desvendar os mecanismos internos aos campos sociais que estruturam as práticas dos sujeitos que por eles transitam” (BENTO, 2006, p. 95). Para Bento (2006), parece possível falar em “habitus de gênero”, pois a autora aponta que a construção de gênero é um processo longo e ininterrupto e relaciona que para Bourdieu são nas socializações primárias que começam a ser estruturadas as primeiras disposições duráveis, os habitus. Os pesquisadores observaram os habitus de gênero nas seguintes falas:

*Eu já havia começado desde os 12 anos... não com terapia hormonal... transição pra mim é o que? A partir do momento em que eu assumi essas características socialmente construídas de mulher é a transição, então eu comecei a usar o quê? Um rímel, comecei a deixar meu cabelo crescer... né? Usava as calças mais coladas, baby look, né? Nesse sentido... e assim, eu sempre fui acho que feminina, né? Porque eu não fiz nenhuma plástica (Entrevistada 1)*

*Porque eu não tinha tesão na realidade de fazer a parte ativa, né? Porque eu sempre tive essa coisa de... era muito mais essa coisa de pensar em ser mulher, queria ser a Xuxa, via TV na época, né? Porque eu sou da época da Xuxa, né? Então, assim, aquela questão de você querer mulher, enrolar toalha no cabelo... (Entrevistada 2)*

No intuito de evitar a repetição de falas que ilustram bem ambas categorias, os pesquisadores decidiram por analisar as categorias *A percepção sobre os parceiros de vivências afetivossexuais* e *O significado dos papéis desempenhados durante as vivências afetivossexuais* simultaneamente, uma vez que os trechos retirados das entrevistas exemplificam que a tênue ligação entre a percepção sobre parceiro e o papel performado pelas entrevistadas é caracterizado, principalmente, pelo mesmo fenômeno que perpassa a relação destas mulheres trans com o próprio corpo, ou seja, é condicionado pelas normas de gênero.

Em ambas as categorias, destacou-se na fala das entrevistadas o discurso fortemente marcado e regido pela concepção binária de gênero (mulher/submissa/vagina e homem/dominante/pênis). O autor Jacques Derrida, em sua obra *Gramatologia* (2004) desenvolveu o conceito de suplementariedade através do qual busca demonstrar que um homem pode definir-se apenas em oposição àquilo que ele não é, por exemplo, o homem homossexual define-se a partir do que não é: um homem heterossexual. Logo, os significados são organizados através de diferenças em uma dinâmica de presença e ausência, isto é, o que parece estar fora de um sistema já está dentro dele, e, o que parece natural é histórico.

De acordo com Bento (2006), é na busca da reprodução de uma “natureza” em ato que faz com que as pessoas tenham de estar interpretando estes mesmos atos. O que é feito a partir de uma série de suposições, da parte do sujeito, e de expectativas por parte do outro, que também espera que os atos correspondam à natureza dos corpos.

A seguir, seguem exemplos que ilustram a percepção que as mulheres que se reconhecem como transidentidades têm de seus parceiros, optando por escolher parceiros que performem características estereotipadas masculinas, bem como exemplos que demonstram os papéis de submissão e passividade que foram escolhidos para serem performados pelas entrevistadas. A ambos os fenômenos são justificados pelas participantes devido ao sentimento de pertencimento ao gênero feminino que sua atuação dos papéis lhes proporcionam.

*Eles me tratavam como mulher e eu tratava eles como homem. Então na cama em si, eu fazia meu papel de mulher, e eles faziam o papel deles de homem. Então na cama eles não faziam*

*passivo. Eles realmente faziam o papel masculino, eles eram hetero eu... e a fêmea (Entrevistada 2)*

*Nunca tive experiência com gay, todos os homens que eu conheci quando eu conheci, porque muitos depois gostaram da coisa e continuaram vivendo na homossexualidade, mas eu sempre busquei homens héteros, homem macho, nada de boiolagem, que eu não gosto, só pra amizade, deus que me perdoe... (risos) (Entrevistada 7)*

*Tem gente que não, não entende, e assim, não adianta a gente querer falar o que, porque a gente tem uma norma na sociedade, né? Do ser homem do ser mulher, de relacionamento ainda a gente tem, né? Que é homem e mulher, então assim, o homem que, por exemplo, se aproxima de mim, a maioria, a grande maioria eu posso te garantir que não sabe que eu sou uma mulher trans, e que eu ainda não fiz a cirurgia, né... então assim... é complicado pra pessoa às vezes entender "nó, to gostando de uma mulher que tem pênis", né... não é isso que a sociedade diz que eu tenho que gostar, né (SIC) (Entrevistada 1)*

Bento (2006) aponta que tanto para Bourdieu quanto para Butler, “a vida social e os processos de constituição das identidades efetivam-se mediante as práticas sociais (BENTO, 2006, p. 98)”. É por meio deste manuseio teórico que se pode compreender como os indivíduos já se encontram com uma complexa rede de funções estruturadas logo ao nascerem.

Segundo o autor Paul Preciado (2014), não existem corpos livres dos investimentos discursivos. Pautando-se na teoria da performatividade de Butler, Preciado (2014) denuncia que os corpos “nasceriam operados por tecnologias sociais precisas” (PRECIADO, 2014, p. 130). Ele chama de invocação performativa a denúncia de interpelação que os corpos sofrem a partir dos resultados dos exames de ecografia: “é uma menina!” ou “é um menino!”. Segundo ele, a interpelação não é só performativa, com o objetivo de criar expectativas e gerar suposições sobre o futuro daquele corpo (BENTO 2006; AUSTIN 1990). Seus efeitos são prostéticos: faz corpos (PRECIADO, 2014, p. 130)

Os pesquisadores encontraram, através do autor Derrida (1991), que faz uma releitura de Austin (1990), o que fora denominado de jogos linguísticos, os quais se articulam com o intuito de produzir identidades por meio das diferenças. As bases da formulação da hipótese é que as mulheres transexuais procuram estar em contato com parceiros que desempenhem, através do discurso e comportamentos, o que a sociedade considera como a máxima masculina, com o objetivo de sentirem-se mais femininas. As participantes verbalizaram que buscam parceiros que corroboram com tal perspectiva, como exemplificado na seguinte fala:

*Eles sempre deixavam bem claro que me viam como uma mulher, que nunca me viam como um homem e sempre deixavam claro assim [...] então eles sempre mostraram que são homem e eu era a mulher, então eles deixavam bem claro que a casa quem tem que limpar é você porque você é mulher, então eu tenho essa imagem e criei pra mim essa imagem e costume (Entrevistada 6)*

No que tange à categoria *O início das vivências afetivossexuais*, os pesquisadores não encontraram na literatura o alicerce para fundamentar a compreensão das expectativas das mulheres

transexuais acerca da primeira relação sexual. Mesmo os estudos mais recentes acerca da primeira relação sexual e sobre e as expectativas sobre essa, estão escritos de acordo com uma perspectiva binária de gênero.

Como é o exemplo do conteúdo encontrado nas obras do sociólogo francês Michel Bozon (2001) (2004), no que tange às expectativas relacionadas à primeira relação sexual, há uma diferença entre os gêneros masculino e feminino. As expectativas masculinas estariam ligadas a uma concepção experimentalista e hedonista da sexualidade, vendo a iniciação sexual como uma etapa no aprendizado da sua vida sexual. Já para o gênero feminino, Bozon (2001) indica que exista uma tênue ligação entre os aspectos afetivos e relacionais um laço seria desenvolvido a priori abarcando casal, sentimento e sexualidade.

Nas transcrições foram encontrados trechos em que as entrevistadas verbalizaram se tinham expectativas ou não acerca da primeira relação sexual. As que verbalizaram que se lembravam das expectativas trouxeram em forma de uma idealização romântica do ato de transição. Em contrapartida, outras relataram não se lembrar de nenhuma idealização ou expectativa. A seguir recortes dos trechos que ilustram esta observação:

*Ai, eu acho que a gente fica fantasiando, né?... Porque essa coisa de rosa em cima de cama, essas frescuras todas, né?... Que depois a gente descobre que não é assim (risos) mas com a gente, né?... é... ficar educado, ficar pensando esse tipo de situação, né? Sonho de princesinha, sei lá. Nesse sentido que eu pensava, mas... mas não foi ruim, apesar, né? Da situação (Entrevistada 1)*

*Acho que, como todo mundo, tem aquela fantasia que vai ser perfeito com a pessoa que você ama, que vai ser tudo lindo maravilhoso e eu pensava assim, mas também já sabia que não ia ser tão perfeito, por eu não ser uma mulher, porque eu sempre me vi como uma mulher, hoje com 36 anos eu ainda me vejo como uma mulher, eu me sinto uma mulher hoje, mas quando eu tinha meus 15, 16, 17 e quando eu perdi com 19 anos, eu tinha aquela fantasia de que ia ser perfeito, com o homem que eu quisesse, que fosse com o homem que eu amasse, que eu ia amar, ia respeitar, que ia ser tudo perfeito, acho que todo mundo passa por isso, fantasias do ser humano... (Entrevistada 6)*

*Ah não imaginava nada, não imaginava. Hoje eu penso ah poderia ser mas então eu não imaginava, se poderia ser não não é (Entrevistada 9)*

*Eu tinha bastante medo de como seria, tipo assim... mas eu já imaginava que poderia ser como é hoje, mas algo me travava assim. E aí demorou muito assim, eu tinha muito medo do que iam pensar, tipo, se o cara ia voltar a ficar comigo (risos), se ele ia querer... (Entrevistada 3)*

A primeira relação sexual é entendida tanto para o senso comum quanto para o meio acadêmico como um evento central da vida das pessoas (GAGNON; SIMON, 2005). Porém, assim como o tópico anterior, os pesquisadores também não encontraram conteúdos que trabalhassem a iniciação sexual fora do contexto binário de gênero, em que se supõem que o gênero feminino mantém uma tênue

ligação entre amor, relação sexual e parceiro (BOZON, 2001) (BOZON, 2004). Exemplos a seguir ilustram que algumas entrevistadas performaram esta característica de gênero em seus discurso:

*Com um namorado que eu tive, o meu primeiro namorado foi com 15 anos, por incrível que pareça, em um colégio agrícola [...] e lá justamente que eu tive meu primeiro relacionamento [...] foi muito bom ele sempre foi muito parceiro, assim em todos os sentidos, desde me respeitar, respeitar minhas vontades, meus desejos, meu tempo, foi o primeiro homem assim que eu beijei, então foi o primeiro namorado que tive, e a gente ficou, eu entrei estudar lá em fevereiro a gente começou a namorar já em abril, foi muito rápido, porque assim tá junto todo dia né, então acaba se envolvendo mesmo, e nós namoramos... (Entrevistada 1)*

*Foi... ai acho que eu tinha 17 pra 18 anos... é, tinha 17 pra 18 anos, foi com um peguetezinho assim. Eu ficava com muitos meninos em balada e assim... na noite assim, tipo beija tal, daí rolou um dia, eu fui pra casa dele, mas foi bem bosta, foi bem... não valeu muito. Eu tive sempre sexo de qualidade depois dos 20 anos. Eu era muito de querer dar prazer e não sentir prazer, era muita submissão, isso não me pertence mais. [...] E era muito de pensar no outro assim “eu vou satisfazer e o menino vai voltar, eu posso namorar com ele” sabe, era meio que uma carência assim, hoje eu não penso nisso não, eu penso que eu quero dar prazer sim, mas eu quero sentir prazer também, e se não rolar, não rolou, sabe... (Entrevistada 3)*

*Senti prazer, medo, dor, e algumas outras coisas assim mas assim não necessariamente prazer, tipo assim tinha uma espécie de prazer porque tava com um menino que eu achava bacana e por isso sim, mas hoje eu entendo que foi uma série de outras coisas também não só prazer... (Entrevistada 9)*

Um ponto em comum observado nos discursos das entrevistadas foi a quebra da expectativa, nos casos em que ela se fez presente, com relação ao momento. Muitas relataram que a experiência não foi tão satisfatória quanto o esperado. Seguem-se dois relatos que melhor ilustram esta observação:

*Não [senti prazer na primeira relação sexual]! eu senti medo, vergonha, mas a pessoa era muito maravilhosa, me fez eu me sentir muito bem, mas não foi assim, acho que a primeira vez não deve ser bom pra ninguém né... (Entrevistada 6)*

*Eu tinha 18 anos e foi com... um amigo de trabalho. Foi. Na verdade nunca é como a gente espera né? Mas foi bem tranquilo, foi bem tranquilo, foi bem... normal eu acho. Não foi aquela coisa assim é... extraordinária assim, nada demais [...] Eu acho que, na verdade a gente sempre espera, a gente fantasia né? E nunca é sai igual. Eu achava que ia ser mais tranquilo, não foi, foi uma coisa assim mais, não sei se... como é que eu posso dizer? Se foi uma coisa assim muito corrida ou... mas nada como eu pensava que seria, como ia ser (Entrevistada 8)*

Apesar do fenômeno observado ser o mesmo - a iniciação afetivo-sexual - e o fato de que a amostra pesquisada compartilha de características semelhantes, consideramos importante ressaltar que assim como cada uma tem sua realidade, cada iniciação foi única:

*Lembro que foi com um vizinho de casa mesmo, eu atravessei a rua, com sete anos de idade, então eu me lembro vagamente da questão do que aconteceu, do que foi feito, das posição que foi feita, e depois com 12 anos [...] É, porque na realidade assim, o pouco que eu lembro, né, mas claro que eu me recordo como foi a minha primeira vez, então foi uma coisa assim que... como já fazem trinta e um anos atrás, então pelo fato assim de... foi... lembro de como foi, que foi numa cama e depois num colchão, então que eu me lembre não foi nada seguro, nada que me... me agarrasse com força, algo, né, com brutalidade, que foi forçado, mas... acho que foi consentido (Entrevista 2)*

Diante dos resultados expostos, os pesquisadores puderam confirmar na prática o que já haviam visto na teoria anteriormente: a necessidade de empoderar melhor as pessoas trans existe justamente pelo incentivo de conflitos internos e a pressão para que se encaixe nas normas de gênero (TENÓRIO; PRADO, 2016). Esta falta de empoderamento acarreta sofrimento, como observado nos seguintes trechos:

*Então, eu teria [fetiches] se eu não tivesse a minha genital masculina, como eu disse eu gosto de lingerie eu gosto de fantasias sexuais eu acho bonito, provocante, legal, mas devido a isso eu não posso porque eu me constrangeria na hora, se entendeu... (Entrevistada 6)*

*Não. Não [cheguei ao orgasmo na minha última relação sexual], porque igual eu falei pra ti eu me vejo como uma mulher então os homens que eu fico eu não deixo me tocar na minha parte, você entendeu? Toca no meu seio, toca no meu corpo, menos no... pra mim é constrangedor, por mais que queiram, não, eu não aceito porque eu acho que iria perder a graça, eu ia me sentir ma... (Entrevistada 7)*

*Sim, estou satisfeita [com minha vida sexual atualmente]. E não mudaria, só pra melhor, não retrocederia isso, essa busca por uma aceitação mais social, supondo, passar e não ser vista isso pra mim seria muito bom, tanto visivelmente quanto pessoalmente, que a \*passasse e só fosse vista porque ela é muito alta, mas ela fosse vista realmente como uma mulher... e não como uma transexual (Entrevistada 7)*

*Primeiro eu não gosto que toca em mim em relação ao órgão que eu rejeito né, então eu não gosto que toque, não gosto que tenha nenhum contato então assim isso é uma pra mim é uma forma de desrespeito comigo e com meu corpo se a pessoa acabar fazendo isso, então eu prefiro que não, eu tento ao máximo assim ter o contato não deixar a pessoa ter o contato (Entrevistada 5)*

De acordo com Erving Goffman (1989), a noção de distanciamento de papel é imprescindível para compreender a lógica da subjetivação. Segundo o autor, essa noção é quando o indivíduo se distancia dos papéis e valores condensados em sua identidade que ele pode constituir-se como sujeito autônomo e emancipado. Performando uma experiência legitimamente mais heterogênea do que a do grupo ao qual pertence. Ou seja, um sujeito mais individualizado.

A necessidade do empoderamento das mulheres que se reconhecem como transidentidades foi verificado em uma das entrevistas, tal perspectiva explicitou a importância do processo psicoterapêutico para uma auto-compreensão, de modo que as possibilite serem mais críticas no que tange seus papéis como passivas e submissas, haja vista que a associação da identidade feminina estar

relacionada à submissão e vulnerabilidade é performada por algumas participantes. Todavia, tal pensamento reflexivo acerca de suas atitudes perante os outros, a psicoterapia foi trazida como um caminho positivo de modo que, ao realizarem suas performances, não apenas reproduzam o que se é esperado de uma mulher com a intenção de se adequarem às normas sociais vigentes, mas sim que, caso venham performar o estereótipo da máxima feminina, o façam porque o gostam, ou o querem, como expressão da subjetividade, construindo suas próprias realidades.

*Antes de fazer terapia [...] eu tinha a necessidade e a sensação de que eu só ia me tornar uma pessoa completa quando eu fizesse [a cirurgia de redesignação sexual] [...] só que tem outras prioridades na minha vida, que não é meramente uma genitália, eu acho que tipo assim, eu acho que eu não vivo em torno da genitália, eu acho que eu não sou só uma genitália, eu acho que essa não deve ser a minha preocupação número um da vida (Entrevistada 4)*

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste ensaio, procurou-se discutir os resultados da pesquisa realizada com o intuito de se investigar o discurso de mulheres que se reconhecem como transidentidades, e que não realizaram a cirurgia de redesignação sexual, acerca do início de suas vivências afetivossexuais. Os pesquisadores consideram que os objetivos de compreender a iniciação destas mulheres nas práticas afetivossexuais, seus papéis desempenhados durante as relações afetivossexuais, investigar a percepção sobre os parceiros (as) das vivências afetivossexuais, e investigar a relação destas mulheres com o próprio corpo foram alcançados através dos métodos utilizados.

Apesar de terem se proposto a realizar a pesquisa com mulheres que se reconhecem como transidentidades entre 18 e 40 anos, devido à expectativa de vida no Brasil para uma transidentidade ser de 35 anos (OLIVEIRA, 2019), quatro entrevistadas encontram-se na faixa etária de 35 a 40 anos, o que exigiu dos autores que, antes de realizarem a entrevista com estas quatro mulheres, solicitassem alteração ao Conselho de Ética e Pesquisa.

Para os pesquisadores, a hipótese de que a relação com o próprio corpo dificulta as vivências afetivossexuais foi confirmada, visto que é o corpo o instrumento que media a subjetividade humana no coletivo. Sendo a qualidade da relação que o sujeito estabelece com seu próprio corpo o pano de fundo para suas demais relações. As mulheres entrevistadas que demonstravam uma relação satisfatória consigo mesmas, também demonstravam o mesmo nível de satisfação em seus outros relacionamentos, em especial nos relacionamentos com os parceiros sexuais.

A compreensão da iniciação da vida *afetivoamorosa* se deu de forma variada, uma vez que apesar das entrevistadas compartilharem a característica de se reconhecerem como transidentidades,

esta qualidade não determinou um evento em comum para todas. Algumas entrevistadas relataram que criaram expectativas sobre a primeira relação sexual, enquanto outras comentaram que não haviam imaginado como seria a primeira vez. Algumas entrevistadas relataram que sentiram prazer durante a iniciação sexual, em contrapartida, outras comentaram que não se lembram, explicando que "achavam" que tinha sido um momento bom, denunciando certa insegurança. Algumas entrevistadas relataram que vivenciaram sentimentos de medo e vergonha, enquanto outras se permitiram experienciar o momento de forma prazerosa e, permitindo-se maior tranquilidade para o momento em questão.

No que tange à compreensão da percepção em relação aos parceiros e sobre os papéis desempenhados nas vivências afetivossexuais, o discurso normativo e binário de gênero vigente na sociedade ocidental contemporânea se destacou, pois as mulheres selecionavam seus companheiros de acordo com a validação do sentimento de pertencimento do gênero feminino que o companheiro era capaz de proporcionar a elas. Assim como ficou evidente na fala das entrevistadas, a escolha de desempenhar papéis de submissão, passividade e fragilidade durante suas relações afetivossexuais com o intuito de assemelhar-se com o estereótipo feminino.

Falas que idealizaram a figura feminina nos moldes de grande beleza, delicadeza, passividade, atividades submissas, responsabilidades domésticas, objetificação do próprio corpo para o outro, o uso constante de maquiagem e perfumes, assim como a realização de intervenções corporais cirúrgicas também foram correlacionadas diretamente com a imagem de mulher que as entrevistadas apresentaram em seu discurso.

No Brasil, os psicólogos já foram proibidos pelo Conselho Federal de Psicologia através da Resolução nº 01/18. (CFP, 2018) de produzir qualquer ação que favoreça a patologização desta população, devendo trabalhar para que seja reconhecida e legitimada a autodeterminação das transidentidades.

Entretanto, ainda resta muito trabalho a se fazer na luta da despatologização e contra a transfobia. Os pesquisadores sugerem que mais pesquisas sejam realizadas com a população trans com o objetivo de compreender melhor a realidade desta população, em especial pesquisas que contemplem as vivências afetivossexuais, pois o que se tem na literatura são pesquisas baseadas no sistema binário de gênero, bem como temas que explorem as vivências educacionais e a inserção no mercado de trabalho com seus desafios, no intuito de que tanto políticas públicas quanto práticas sociais sejam criadas e desenvolvidas de maneira a favorecer o aumento da qualidade de vida e abranger as necessidades da população trans.

## REFERÊNCIAS

- AAKER, D. A., KUMAR, V., DAY, G. S. **Marketing research (5th ed.)**. New York: John Wiley & Sons, 1995.
- ARAÚJO, Ricardo Henrique. **Entrevista: Ricardo Henrique Araújo. Saúde de transexuais no Brasil**. Medium, 23/01/2018. Entrevista concedida a Felipe Argolo. Disponível em: <<https://d-van.org/entrevista-ricardo-henrique-ara%C3%BAjo-sa%C3%BAde-de-transexuais-no-brasil-297541f5eea7>>. Acesso em: 9 de setembro de 2019.
- AUSTIN, J. L. **Quando Dizer é Fazer**. Trad. Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2010.
- BENTO, Berenice. **A (re)invenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- \_\_\_\_\_. **O que é transexualidade**. Coleção Primeiros Passos; 328 São Paulo; Editora Brasiliense, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Transviadas: gênero, sexualidade e direitos humanos**. Salvador: EDUFBA, 2017.
- BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Editora Marco Zero Limitada. Tradução de Jeni Vaitsman. Revisão técnica de Marie France Garcia. Rio de Janeiro - RJ. 1983.
- BOZON, Michel. “**A nova normatividade das condutas sexuais ou a dificuldade de dar coerência a experiências íntimas**”. In: HEILBORN, Maria Luíza (Org.). **Família e sexualidade**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.
- BOZON, Michel; HEILBORN, Maria Luíza. “**As carícias e as palavras: iniciação sexual no Rio de Janeiro e em Paris**”. **Novos Estudos CEBRAP**, 2001.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Redefine e amplia o Processo Transexualizador no Sistema Único de Saúde (SUS)**. Portaria nº 2.803, de 19 de novembro de 2013.
- BUTLER, Judith R. **Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista**. Tradução por Jamille Pinheiro Dias. Revisão de Bernardo RB. Caderno de Leituras n.78, publicado pelas Edições Chão da Feira, 2018.
- \_\_\_\_\_. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução, Renato Aguiar. — Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CFP – CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA . **Resolução nº 01, de 29 de janeiro de 2018**. Estabelece normas de atuação para as psicólogas e os psicólogos em relação às pessoas transexuais e travestis. Brasília, 2018.
- CRAIG, M. L. **Race, beauty, and the tangled knot of a guilty pleasure**. *Feminist Theory*, 2006.

DERRIDA, J. **Gramatologia**. Perspectiva: São Paulo, 2004.

\_\_\_\_\_. **Margens da filosofia** / Jacques Derrida ; tradução Joaquim Torres Costa, António M. Magalhães; revisão técnica Constança Marcondes Cesar. - Campinas, SP : Papirus, 1991.

DIAS, Diego Madi. **Brincar de gênero, uma conversa com Berenice Bento**. Cad. Pagu, Campinas, n. 43, p. 475-497, Dez. 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010483332014000200475&lng=en&nr=m=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010483332014000200475&lng=en&nr=m=iso)>. Acesso em: 9 de setembro de 2019.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**, tradução Maria Tereza da Costa Albuquerque e J.A. Albuquerque. Edições Graal. Rio de Janeiro, 1988.

GAGNON, J. WILLIAM, S. **Sexual Conduct: The Social Sources of Human Sexuality**. Aldine Transaction, 2005.

GALLI, R. A. **Roteiros sexuais de transexuais e travestis e seus modos de envolvimento sexual-afetivo**. Ribeirão Preto, 2013.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GOFFMAN, E. **A Representação do Eu na Vida Quotidiana**. Vozes. Petrópolis, 1989.

GRANT, Carolina. **Bioética E Transexualidade: O “Fenômeno Transexual” E A Construção Do Dispositivo Da Transexualidade (Transexualismo) – O Paradigma Do “Transexual Verdadeiro” Vigente No Direito Brasileiro**, 2012.

MINAYO, M. C. S. **Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MISKOLCI, Richard. **“A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização”**. In: Sociologias, 2009.

OLIVEIRA, J. **“Estou fazendo hora extra no mundo”: o inesperado cotidiano da velhice trans**. El País, São Caetano / São Paulo - 22 JUN 2019 - 19:50 BRT. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/19/politica/1560972279\\_749450.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/19/politica/1560972279_749450.html)>. Acesso em: 17 de setembro de 2019.

PRECIADO, P. B. **Manifesto Contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual**. São Paulo: n-1, 2014, 223 pp. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. 2014.

TENÓRIO, L. e PRADO, M. A. M. **As contradições da patologização das identidades trans e argumentos para a mudança de paradigma**. In: Periodicus: Revista de estudos indisciplinados em gêneros e sexualidades. Publicação periódica vinculada ao Grupo de Pesquisa CUS, da Universidade Federal da Bahia - UFBA. Salvador, Maio-out. 2016.

VASCONCELOS, Ana Valéria Salza de. **(Des)patologização: possibilidades nas experiências trans no sus**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013.

YOUNG, I. M. **‘Throwing Like a Girl: A Phenomenology of Feminine Body Comportment, Motility and Spatiality’**, Human Studies, 1980.